



³⁸ A preparação e o próprio Congresso estão publicados em: FABRI DOS ANJOS M.(org) *Experiência religiosa – risco ou aventura?* São Paulo: Paulinas, 1998; *Sob o fogo do Espírito*, São Paulo: Paulinas, 1998.

³⁹ O Congresso está publicado em SUSIN L.C. *Mysterium creationis – um olhar interdisciplinar sobre o Universo*. São Paulo: Paulinas, 1999. Aqui, p.9.

⁴⁰ E.Dussel, talvez o mais conhecido entre nós, soube desdobrar um pensamento sobre a condição latino-americana apoiado na categoria de alteridade. Mas veja-se também os numerosos artigos de P.Suess para pensar as culturas autóctones e de M.C.Bingemer para relações de gênero e espiritualidade.

⁴¹ A bibliografia de E.Levinas, que cobre o arco que parte dos anos trinta até os anos noventa, é extensa e, hoje, traduzida em muitas línguas. Como obras de maior referência podem ser citadas as seguintes: *Taltalit et infini, Essai sur l'exteriorité*. La Haye: Nijhoff, 1961. *Autrement qu'être ou au-delà de l'essence*. La Haye: Nijhoff, 1974. *Ethique et infini*, Paris, Fayard, 1982.

⁴² SOBRINO J. *Ressurreição da verdadeira Igreja*, op.cit. p.42.

⁴³ O Cardeal Ratzinger, diante do pluralismo mais radical, põe como problema maior o relativismo, a perda de uma significação que unifique. Sem retirar a seriedade de tal problema, penso que há esse problema maior da indiferença, manifestado de modo mais trágico na indiferença ética, que é a indiferença diante do outro. O que unifica não é estarmos todos sob o mesmo teto, mas o gesto de abrir espaço sob o meu teto ao outro. Cf. RATZINGER J. Situação atual da fé e da teologia. *Atualização* n.263 (1996)543.

⁴⁴ É interessante seguir os recursos e a implosão da fenomenologia quando descreve a experiência religiosa no paradoxo do encontro de marginalidade e santidade – experiência-limite que permanece como *norma normans non normata*, tal como a Escritura. Cf HELD K. *Ethos und Gotteserfahrung in phänomenologischer Sicht*. (Mimeo inédito, em que descreve fenomenologicamente a experiência-limite entre o judeu caído à beira do caminho e o samaritano, no evangelho de Lucas.).

⁴⁵ Veja-se, a título de exemplo, o vigor desse “paradigma” em nosso meio: SOUZA R.T. *Sujeito, ética e história – Lévinas, o traumatismo infinito e a crítica da filosofia ocidental*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999; *Totalidade e desagregação – sobre as fronteiras do pensamento e suas alternativas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996. PELIZZOLI M.L. *A emergência do paradigma ecológico*. Petrópolis: Vozes, 1999.

⁴⁶ Cf mais acima, no final do ponto 1.

Endereço do Autor:

Rua Juarez Távora, 171
91520-100 Porto Alegre - RS



Analizando alguns pontos altos das celebrações jubilares deste ano, o Autor começa abordando o tema da “Fraternidade entre as igrejas cristãs”, celebrado na abertura da Porta Santa em São Paulo-fora-dos-muros, no dia 16 de janeiro. Comenta também o impacto do pedido de perdão feito pessoalmente pelo Papa, em nome da Igreja, na basílica de São Pedro, no dia 12 de março: era um gesto que, já anunciado na “Tertio Millennio Adveniente”, queria significar a “purificação da memória cristã”, manchada por tantos pecados da Igreja e de seus membros no decorrer da história. Finalmente, o artigo comenta a visita do Papa ao Egito, em 21-23 de fevereiro, e à Jordânia, Palestina e Israel, na semana de 20 a 26 de março. Viagens históricas, que derrubaram muros de desconfiança e sanaram antigas feridas, tendo pontos altos inesquecíveis como as visitas ao Yad Vashem e ao muro da Oração ou “das Lamentações”.

Memória e Reconciliação no Grande Jubileu

Pe. José Artulino Besen

Membro do Inst. Hist. e Geogr. de SC e professor de História da Igreja no ITESC



Narram os Atos dos Apóstolos (3,1-6) que Pedro e João estavam no templo de Jerusalém para as orações habituais. Ao saírem, um aleijado deles se aproximou pedindo uma esmola. Fitaram nele os olhos: “Olha para nós!” Ele olhou-os. E Pedro: “Ouro e prata não tenho. Mas o que tenho eu te dou”. E tomando-o pelo braço, ordenou: “Em nome de Jesus Cristo, levanta-te e anda!”. E o homem ergueu-se, curado.

O mundo atual é o templo de Jerusalém, e o ser humano, angustiado em busca de esperança, é o aleijado, olhando para os cristãos. João Paulo II vive intensamente esse drama dos povos em busca de sentido para a história. Com a Igreja, ele quer dizer a todos: “Olhem para nós! Não queremos ter ouro, nem prata, nem cetro, nem poder, nem glória. Mas o que temos, oferecemos: em nome de Jesus Cristo, levantem-se e andem!”

Para que essas palavras adquiram plena legitimidade é preciso que a Igreja purifique sua memória de tantos pecados e infidelidades contra Deus, contra os pobres, as mulheres, as culturas, a liberdade, a dignidade humana, a autonomia da ciência, a unidade dos cristãos entre si e com o gênero humano. O Papa está exercendo o ministério petrino de confirmação na fé e na caridade como peregrino da reconciliação. O ponto culminante desta purificação da memória aconteceu em 12 de março de 2000, na Basílica de São Pedro: na grande Celebração do Perdão, única na história cristã, João Paulo II pediu perdão pelos pecados cometidos pelos membros da Igreja.

Certo da santidade e da misericórdia de seu Senhor, a Igreja quer ser uma resposta-proposta para o mundo e dizer: “Olhem para nós!” João Paulo II pôde permitir-se esses gestos de corajosa humildade porque é um Papa forte, no sentido de que exerce uma liderança incontestável em todas as instâncias da vida da Igreja. Um Pontífice fraco e inseguro diante da complexidade do mundo e da história não poderia ousar esses gestos sem



desencadear um processo de dissolução. É um velho trêmulo pelo mal de Parkinson, mas resistente como um pugilista. A mão treme e o corpo indica cansaço, mas o olhar continua vivo, atento aos sinais da história. As atitudes proféticas de João Paulo II no limiar do novo milênio dão aos católicos mais dignidade ao gesto de obediência a seu pastor. E demonstram que o Papa não é somente um papa da Igreja, mas um papa do mundo. Vai ao encontro do ser humano onde ele se encontra, procura falar sua língua. Seus gestos concretizam a afirmação de sua primeira encíclica, *Redemptor Hominis*: o ser humano é o caminho da Igreja.

I - Fraternidade entre as Igrejas Cristãs

(Abertura da Porta Santa em São Paulo fora dos muros, em 16/01/2000)

No domingo, 16 de janeiro de 2000, após o Angelus, João Paulo II falou com entusiasmo da grande Celebração Ecumênica para a abertura da Porta Santa na basílica de São Paulo fora dos muros, a ser realizada dois dias depois. Anunciava o maior encontro de Igrejas cristãs já realizado na história. Uma concelebração do bispo de Roma com patriarcas, metropolitas, bispos e pastores de todo o mundo, no qual “reciprocamente pediremos perdão a Deus pelos pecados cometidos contra a unidade da Igreja e, ao mesmo tempo, agradeceremos pelo caminho de reconciliação realizado até aqui, especialmente no último século”.

Em 1986, João Paulo II já surpreendera reunindo em Assis, para um encontro de oração pela paz, representantes das grandes religiões da terra. O encontro inter-religioso de Assis demonstrou que é único o Deus diante do qual, com tradições e formas diferentes, se prostram todos os povos. A Celebração ecumênica na basílica de São Paulo, em Roma, seguiu a mesma linha: um só é o Cristo Senhor, caminho, verdade e vida de todas as Igrejas cristãs. A fraternidade entre as religiões e entre as Igrejas é condição indispensável para a paz na humanidade. Não basta ver quem está certo, mas é preciso saber conviver com o diferente.

O Papa encerrou a oração do Angelus saudando os participantes do Encontro internacional sobre o Mal de Hansen (lepra), promovido dias antes no Vaticano. E concluiu: “O remédio para curar um leproso custa muito pouco. No fundo, a lepra mais perigosa é a miséria”.

.....

A Basílica de São Paulo fora dos muros, em Roma, historicamente está ligada ao ecumenismo. Foi lá que em 25 de janeiro de 1959 o papa



João XXIII anunciou o Concílio Ecumênico (1962-1965), que incentivou concretamente o empenho católico pela união dos cristãos, empenho que já tinha sido assumido pelos ortodoxos (católicos de rito oriental separados de Roma em 1054) e pelos protestantes (Igrejas separadas em 1517) na década de 20.

A abertura da Porta Santa das quatro basílicas romanas é uma tradição católica iniciada em 1300 mas, neste dia 18, o rito religioso ultrapassou a fisionomia católico-romana ligada ao Jubileu do Ano Santo para inserir-se na vida religiosa de todos os cristãos: a porta é um símbolo de Cristo, Porta para Deus. Abri-la simboliza abrir-se ao Evangelho de Cristo.

Fizeram-se representar 32 Igrejas, englobando quase 2 bilhões de cristãos. Estiveram representados os ortodoxos dos Patriarcados de Constantinopla, Alexandria, Antioquia, Jerusalém, Moscou, Sérvia e Romênia e das Igrejas nacionais da Grécia, Polónia, Albânia e Finlândia. Por razões políticas, houve a ausência da Bulgária e da Geórgia. Surpresa foi a presença de Moscou, cujo patriarca Sérgio não aceita a visita do Papa à Rússia.

Pela Igreja anglicana (surgida na Inglaterra em 1534) veio sua autoridade maior, o Primaz George Runcie. As Igrejas protestantes e evangélicas foram representadas pela Federação Luterana Mundial, Conselho Metodista Mundial, Discípulos de Cristo, Igrejas Pentecostais, Conselho Ecumênico das Igrejas de Genebra e Vêtero-católicos. Não aceitaram o convite as Igrejas de tradição calvinista, como os reformados, presbiterianos, batistas, adventistas e parte dos pentecostais. Acharam que o ritual de abertura da Porta santa é por demais católico para estar incluído no espírito ecumênico.

A Celebração teve início com a leitura de um texto bíblico pela Presidente do Conselho Mundial Metodista. A Porta Santa foi aberta pelo Papa, acompanhado pelo Primaz anglicano George Runcie e o metropolita ortodoxo Athanásios do Patriarcado de Constantinopla. Pela primeira vez desde 1300, o Papa não estava sozinho neste gesto. O cerimonial previa que, em seguida, apenas o Papa se ajoelhasse. Num gesto de humildade e fraternidade, o Primaz e o Patriarca acompanharam-no, ajoelhando-se também.

Em seguida, o livro do Evangelho foi apresentado na direção dos quatro pontos cardeais, indicando a universalidade da mensagem cristã. João Paulo II recebeu o Evangelho de um diácono ortodoxo e ergueu-o em direção à multidão que estava fora da Basílica; o metropolita copto ortodoxo Amba



Bishoi fez o mesmo para o interior da basílica; o arcebispo ortodoxo russo Klin para o Oriente e o bispo luterano Krause para o Ocidente.

Após a procissão de entrada, todos os representantes religiosos se colocaram diante do altar-mor da basílica para a celebração da Palavra de Deus e as orações, que tiveram um cunho de penitência e reconciliação. Foram lidos três textos referentes à unidade da Igreja: um do Novo Testamento (1a. Carta aos Coríntios 12,12-27), proclamado pelo metropolita sérvio Yovan, outro do teólogo ortodoxo russo G. V. Florovskij (1893-1973) pelo bispo antioqueno Saliby e o terceiro texto do teólogo evangélico alemão Dietrich Bonhoeffer (1904-1945) morto pelos nazistas, lido pelo bispo luterano Johanson. Fato inédito numa basílica romana: unir a Palavra de Deus com a palavra de teólogos de outras Igrejas.

Gesto contínuo, todos proclamaram a fé comum através do Símbolo dos Apóstolos, que foi recitado em grego pelo metropolita alexandrino Makários, em latim pelo bispo ortodoxo romeno Vincentiu e em alemão pelo arcebispo Glazemaker, vêtero-católico de Utrecht. Dava-se voz às grandes tradições religiosas do Ocidente, do Oriente e da Reforma, unidas pela comum profissão de fé da Igreja antiga, quando não existiam as divisões.

Nas palavras que proferiu, o Papa convidou todos a sentirem em toda a gravidade os sofrimentos provocados pela divisão entre os cristãos, divisão que é um escândalo no anúncio de Cristo, e do qual cada um deve tomar consciência da própria responsabilidade. Todos têm culpa. João Paulo II salientou o primado do *ecumenismo espiritual*, uma mudança de espiritualidade no olhar para o outro e sua história. Ver os que estão fora de sua Igreja como “amados de Deus”, “benditos de Deus”. Isto supõe que se vençam os preconceitos históricos entre católicos e ortodoxos, católicos e protestantes e protestantes e católicos. Purificação da memória pelo perdão.

(No mesmo dia, numa celebração em Milão, o padre católico pedia perdão ao pastor luterano porque “nós católicos nos achamos os únicos justos, os que conservam a verdadeira tradição”. E, para surpresa de todos, com muita simplicidade o pastor luterano disse que “nós também devemos pedir perdão, porque pensamos a mesma coisa”). O Papa entende essa mudança no modo de olhar a história e a vida do outro por ecumenismo espiritual.

“Unidade, Unidade”, proclamou o Papa. “Quem sabe, ao sairmos desta basílica, poderemos dizer “unidade, unidade”. “Nesta basílica”, afirmou



o bispo de Roma, “pedimos a Cristo perdão por tudo aquilo que na história da Igreja prejudicou sua unidade. Pedimos com confiança a Cristo, porta da vida, porta da salvação, porta da paz, que sustente nossos passos, torne duradouros os avanços já alcançados e conceda-nos o apoio do seu Espírito, para que nosso empenho seja sempre mais autêntico e eficaz”.

Em seguida, um gesto concreto de reconciliação: todos se saudaram com o beijo da paz. Se ainda não estão unidos, que os cristãos saibam ao menos conviver fraternalmente.

Depois da celebração, como anfitrião, o Papa convidou todos para o almoço: um ecumenismo que uniu oração com caridade e amizade. E, além disso, ao redor da mesa, simbolizando o compromisso da união dos cristãos em favor da justiça e da paz.

O encontro cristão em Roma demonstrou aquilo que a maioria dos teólogos do século XX parecia não ter percebido: a unidade da Igreja se faz mais pela escuta comum do Evangelho e pelo encontro fraterno na oração do que pela cansativa explicitação de fórmulas teológicas.

II - Em nome da Igreja o Papa pede perdão

(Dia do Perdão na Basílica de São Pedro – 12/03/2000)

Em 1998, através da Bula *O Mistério da Encarnação*, que anunciava o Jubileu do Ano Santo, o Papa falava de um gesto de significasse a purificação da memória cristã, um pedido de perdão pelos pecados cometidos pela Igreja e seus membros no decorrer da história.

Neste domingo, dia 12 de março, a Igreja católica celebrou o primeiro domingo da Quaresma, iniciando os 40 dias de conversão e de renovação para celebrar a Páscoa, a ressurreição de seu Senhor, Jesus Cristo. E, na basílica de São Pedro em Roma, João Paulo II realizou, quase solitariamente, o gesto mais corajoso de seus 22 anos de pontificado: pediu perdão dos erros “históricos” da Igreja. Seu gesto quis ter o significado de purificação da memória cristã, de abrir a porta do terceiro milênio reconciliada pelo perdão de Jesus. O Cardeal Etchegaray, talvez o único cardeal que desde o início defendeu o gesto papal, assim concluiu seu pronunciamento na apresentação do documento *“Memória e Reconciliação”*: “O corpo da Igreja está cheio de cicatrizes e de próteses, seus ouvidos estão cheios do canto do galo evocador da traição, sua agenda está cheia de compromissos não cumpridos por negligência ou omissão”.

O Papa se incluiu entre os pecadores. Não foi pequena a oposição



encontrada nos altos escalões vaticanos, preocupados com que esse gesto pudesse significar o descrédito da Igreja perante o mundo. João Paulo II cumpriu este propósito de imenso significado histórico com extrema humildade. Ele, o Papa, o sucessor de Pedro, pediu perdão em nome próprio e em nome de todos os católicos, tendo certeza de que a mesma Igreja, que pecou, gerou e gera santos e mártires, e criou inumeráveis obras em defesa da pessoa humana no decorrer de sua história. Significativamente, no domingo anterior (5/3) tinha beatificado 43 mártires, entre os quais 30 brasileiros.

Intuições proféticas de um grande Papa

O pontificado de João Paulo II está sendo marcado pela busca de reconciliação. Um dos gestos mais proféticos foi aquele realizado em 1986 quando, segundo os cronistas e historiadores, fez a viagem mais longa e difícil de um Papa: atravessou o rio Tibre, caminhou pouco mais de um quilômetro e visitou a sinagoga romana. O novo Povo abraçava o antigo povo de Israel, o povo de Abraão, do qual nasceram Maria, Jesus, os Apóstolos, e que muito sofreu pelas incompreensões e perseguições dos cristãos, irmãos adotivos. Esse abraço de reconciliação foi completado pela visita a Israel.

Outro gesto foi a Jornada de Assis, também em 1986, quando João Paulo II rezou pela paz junto com os representantes das grandes religiões do mundo. Houve muitos que manipularam o sentido desses gestos papais, é verdade, dizendo que o Papa caíra no relativismo religioso. É necessário um longo tempo para se compreender o sentido profundo dos gestos proféticos, mas seu significado já está plantado na história da paz e da fraternidade.

Outra intuição do Papa Wojtyla aconteceu no dia 7 de maio: “*Celebração ecumênica das testemunhas da fé cristã no século XX*”. Num gesto ecumênico sem precedentes, a Igreja católica reconheceu o significado do martírio de ortodoxos, anglicanos e protestantes, cristãos não-católicos que derramaram seu sangue pela causa da fé ou da justiça. Iniciativa de grande repercussão, porque a Celebração superou dolorosos equívocos históricos pela interpretação unilateral do “Fora da Igreja não há salvação”: não somente há salvação, como há a santidade e martírio e, mais ainda, questiona a afirmativa de que os não católicos estejam “fora da Igreja”. Diante do Coliseu estavam o Papa, representantes dos patriarcados do Oriente, do Conselho Mundial das Igrejas, da Igreja anglicana, dos batistas, luteranos. Louvou-se a Deus pelos mártires dos regimes totalitários



(nazismo e comunismo), da causa da justiça, dos conflitos étnicos, da caridade, das missões. Foi um dos pontos mais avançados do ecumenismo esse reconhecimento da santidade das testemunhas da fé nas diferentes Igrejas. Para alguns teólogos, significou o ponto culminante do ecumenismo.

Memória e Reconciliação

A celebração do Perdão teve início aos pés da *Pietà* de Michelangelo: como Maria, a Igreja abraçou o Salvador crucificado, assumiu os pecados de seus filhos e pediu perdão ao Pai. Após a procissão, no altar de São Pedro procedeu-se ao ato penitencial. Sete Cardeais, representando os católicos, a Cúria romana, o governo central da Igreja, leram sete pedidos de perdão. Após cada súplica, um longo silêncio seguido da tríplice oração *Kyrie eleison* (Senhor, tende piedade de nós) e uma vela era acesa no candelabro ao lado da grande Cruz. Em seguida o Papa lia uma oração de pedido de perdão. Após os sete momentos penitenciais, João Paulo II beijou os pés da imagem do Crucificado, abraçou-o e contemplou-o reconhecido. No final, pediu a toda a Igreja uma renovada fidelidade ao Evangelho.

Mas, quais foram os erros pelos quais a Igreja pediu perdão? O Papa dividiu-os em sete. Em si, não houve novidade, pois já tinha pedido perdão de cada um deles em ocasiões e lugares diferentes. O importante foi que, numa solene celebração, como sucessor de Pedro, diante de toda a Igreja e o mundo, assumiu os erros e humildemente pediu perdão. Para melhor informar o leitor colocamos, após a situação específica do pedido de perdão, o nome do Cardeal, com um excerto de sua oração e a do Papa.

1 – Confissão dos pecados em geral: purificar a memória e empenhar-se num caminho de verdadeira conversão.

- Card. Bernardin Gantin, decano do Colégio dos Cardeais: *“...repassando com humildade as culpas do passado numa autêntica purificação da memória, nos empenhemos num caminho de autêntica conversão”*.
- Papa – *“...vossa Igreja peregrina... conta no seu seio membros que refulgem pela santidade e outros que, desobedecendo-vos, contradizem a fé que professam e o santo Evangelho...”*

2 – Pecados cometidos no serviço à verdade: intolerância e violência contra os dissidentes, as guerras de religião, as violências e injustiças nas Cruzadas, os métodos coercitivos da Inquisição.

- Card. Joseph Ratzinger – Prefeito da Congregação da Doutrina da Fé: *“...em nome da fé e da moral, às vezes lançaram mão de métodos não evangélicos no cumprimento da obrigação*



de defender a verdade...”

- Papa – *“...em determinadas épocas da história os cristãos às vezes contemporizaram com métodos de intolerância e afastaram-se do grande mandamento do amor...[...].procurar promover a verdade na suavidade da caridade, certos de que a verdade não se impõe senão com a força da própria verdade”*.

3 – Pecados que comprometeram a unidade do Corpo de Cristo: as excomunhões, perseguições e divisões religiosas, especialmente do Oriente (1054) e da Reforma luterana (1517).

- Card. Roger Etchegaray – Presid. da Comissão Central do Grande Jubileu: *“... dilaceraram a unidade do Corpo de Cristo e feriram a caridade fraterna...”*
- Papa – *“...eles, porém, indo contra a vontade do Senhor, separaram-se e dividiram-se, condenaram-se e combateram-se reciprocamente...”*

4 – Pecados cometidos com relação ao Povo da primeira Aliança, Israel: o desprezo, as hostilidades, o antisemitismo, os silêncios durante o Holocausto.

- Card. Edward Idris Cassidy – Presid. do Pontifício Conselho para a promoção da unidade dos cristãos: *“... ao recordarem os sofrimentos suportados ao longo da história, pelo povo de Israel, os cristãos saibam reconhecer os pecados ... contra o povo da aliança e das bênçãos...”*.
- Papa – *“...sentimo-nos profundamente consternados pelo comportamento de quantos, no decurso da história, fizeram sofrer estes vossos filhos e, pedindo-vos perdão, queremos empenhar-nos numa fraternidade autêntica com o povo da aliança...”*

5 – Pecados contra o amor, a paz, os direitos dos povos: o respeito às culturas e religiões no processo da evangelização, o colonialismo, os grupos sociais fracos como os imigrantes e ciganos.

- Dom Stephen Fumio Hamao – arcebispo japonês, Presid. do Pontifício Conselho da Pastoral para os Migrantes e Itinerantes: *“...os cristãos saibam arrepender-se das suas palavras e procedimentos que, às vezes, foram ditados pelo orgulho, pelo ódio, pelo desejo de predomínio sobre os outros, pelas inimizades contra os adeptos de outras religiões e contra os grupos sociais mais débeis, como os imigrantes e os ciganos”*.
- Papa – *“...Muitas vezes, porém, os cristãos renegaram o*



Evangelho e, cedendo à lógica da força, violaram os direitos de raças e povos, desprezando as suas culturas e tradições religiosas...”

6 – Pecados contra a dignidade humana e a unidade do gênero humano com relação às mulheres, as raças e etnias.

- Card. Francis Arinze – Presid. do Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-religioso: *“... por todos aqueles que foram ofendidos na sua dignidade humana e cujos direitos foram vilipendiados; oremos pelas mulheres, com muita frequência humilhadas e marginalizadas...”*
- Papa – *“...não foi reconhecida a igualdade dos vossos filhos, e os cristãos tornaram-se culpados de atitudes de marginalização e exclusão, consentindo em discriminações por motivo de raça e etnia diversa...”*

7 – Pecados no campo dos direitos fundamentais da pessoa humana e contra a justiça social: os excluídos, os pobres, o aborto, injustiças econômicas e sociais, a marginalização de inteiros povos, abuso das possibilidades oferecidas pela biotecnologia.

- Dom François Xavier Nguyễn Van Thuân – arcebispo vietnamita que sofreu 15 anos de prisão nos cárceres comunistas, Presidente do Pontifício Conselho Justiça e Paz: *“... especialmente pelos menores vítimas de abusos, pelos pobres, os marginalizados, os abandonados; oremos pelos mais indefesos, os não-nascidos que foram suprimidos no seio materno ou mesmo utilizados para fins experimentais por todos aqueles que abusaram das possibilidades criadas pela biotecnologia, adulterando os objetivos da ciência...”*
- Papa – *“... quantas vezes também os cristãos não vos reconheceram em quem tem fome, em quem está nu, em quem é perseguido, em quem está preso, em quem se encontra sem qualquer possibilidade de autodefesa, sobretudo nos estados iniciais da existência. ...Por todos aqueles que cometeram injustiças confiando na riqueza e no poder e desprezando os pequeninos, que vos são particularmente mais queridos...”*

Um verdadeiro exame de consciência histórico, sem acusações e nomes, como queriam muitos. Na confissão dos pecados não existe lugar para acusações ou incriminações pessoais e se distingue entre o erro e o errante. A Igreja cumpriu esse ato penitencial não por masoquismo, vontade de fazer barulho: junto com o Papa “pediu perdão na serenidade e na



intimidade, saboreando a fidelidade absoluta e inalterável de Cristo à sua Igreja”, nas palavras do Cardeal Etchegaray. O Papa dirigiu a Deus a confissão dos pecados, porque somente ele pode perdoar, mas a fez diante dos homens e mulheres do mundo, aos quais não se podem esconder as responsabilidades dos cristãos.

João Paulo II deixou para a história a imagem de um homem muito velho, enfraquecido, quase às lágrimas, aos pés de um Cristo crucificado, num gesto de humildade sem igual. Apresentou-se como contemporâneo de toda a história da Igreja: assumiu todos os seus pecados. Iniciou seu pontificado sob o signo do triunfo, do sucesso e da novidade de um comunicativo papa polonês e vai encerrando sua missão de joelhos, humilde penitente diante de Deus. É essa a atitude legítima de todo ser humano, de todo cristão.

Um gesto sem precedentes

Nunca um Papa pediu perdão em nome dos outros e por culpas do passado. A Comissão Teológica Internacional, que preparou o documento **“Memória e Reconciliação”**, chamou atenção para esse gesto sem precedentes, explicável somente no Povo de Israel e na Igreja, onde cada membro – vivos e mortos – tem consciência de ser enxertado numa mesma árvore e sente-se responsável por todos.

João Paulo II pediu perdão como sucessor de Pedro, por si e pela Igreja. Alguns acham que isso já tinha sido feito e citam os papas Adriano VI e Paulo VI. Em 1522, Adriano VI, porém, pediu perdão pelas culpas de seu antecessor, o Papa Leão X e pela corrupção da Cúria romana: tinha diante dos olhos o objeto do pedido de perdão. Paulo VI, em 1965, pediu perdão aos “irmãos separados” das outras Igrejas cristãs, pela divisão presente. Com seu gesto, João Paulo II foi além: fez o “mea culpa” pessoal e das comunidades católicas, pelos erros e tragédias do passado. Todo o esforço de reconciliação já feito não anulou nossas dívidas com relação aos irmãos cristãos e judeus, aos povos não europeus, aos pobres da terra, vítimas de erros e perseguições. Karol Wojtyła mostrou-nos que os santos e profetas da Igreja não cancelam nosso dever de pedir perdão.

Comunidades reconciliadas

O espírito da Celebração do Perdão deve ser acolhido de forma convicta pelos católicos. O pedido de perdão é o esforço trabalhoso de viver e testemunhar mais fielmente o Evangelho. O Papa, mais uma vez,



mostrou a capacidade de ir adiante, dar um passo firme oferecendo à Igreja um retorno forte ao fundamento da própria fé. O Papa pediu perdão em nome pessoal e da Igreja e não solicitou a ninguém mais que o fizesse. Com um ato primacial, colocou toda a Igreja de joelhos diante do Crucificado: no Jesus condenado viu todas as vítimas da história, todos os cordeiros imolados.

A seqüência a esse gesto papal não é a busca barata de justificativas e explicações mas sim, cada comunidade também pedir perdão pelos seus pecados. No dia 22 de abril, nos 500 anos do Brasil, foi-nos oferecida uma ocasião propícia de pedido de perdão aos índios, aos negros, aos pobres de hoje, aos marginalizados, aos meninos de rua, às mulheres, aos migrantes, aos ciganos. A Igreja é capaz de cantar o *Magnificat* pela ação de Deus nela e o *Miserere* pelos pecados dos cristãos que a tornam necessitada de purificação, de penitência e de renovação.

Após a celebração na basílica de São Pedro, todo triunfalismo na Igreja não passa de doença espiritual de almas reacionárias. Se o uso do poder provocou tantos pecados, o caminho que Jesus oferece aos católicos é o do humilde serviço evangélico ao ser humano.

Mensagem final do Papa

Após a bênção conclusiva, João Paulo II fez esta breve exortação, resumo de todo o ato litúrgico:

“Irmãos e irmãs, desejamos que esta liturgia que celebrou a misericórdia do Senhor e quis purificar a memória do caminho dos cristãos ao longo dos séculos, suscite em toda a Igreja e em cada um de nós um empenho de fidelidade à mensagem perene do Evangelho:

nunca mais contradições contra a caridade no serviço da verdade,
 nunca mais gestos contra a comunhão da Igreja,
 nunca mais ofensas a nenhum povo,
 nunca mais o recurso à lógica da violência,
 nunca mais discriminações, exclusões, opressões, desprezo pelos pobres e pelos mais fracos.

E com sua graça, o Senhor nos ajude a realizar o nosso propósito e nos conduza, todos juntos, à vida eterna. Amém.”

No futuro não se poderá mais dizer como compatível com o Evangelho o que o Papa claramente condenou como pecado. Se alguém hoje, hebreu, cigano, pobre, migrante, vítima de violência perguntar: “quem



já me pediu desculpas?”, a resposta é uma: “João Paulo II e toda a Igreja, no dia 12 de março de 2000”.

III - O Papa visita os filhos de Abraão

(Egito, Jordânia, Palestina e Israel – 21-23/2 e 20-26/03/2000)

O Papa no caminho dos Patriarcas

Um velho trêmulo mas duro como um pugilista ou um pescador e, conforme falou um velho judeu, “duro e puro como um diamante”. A mão treme, o corpo demonstra cansaço, mas o olhar é vivo, atento à história, capaz de realizar gestos-sinais mais expressivos do que muitos discursos, conseguindo chamar a atenção do mundo. Assim é João Paulo II, que tantos imaginavam ou desejavam descansando no Vaticano, encerrando em vida seu longo pontificado. Sua viagem à Jordânia, Palestina e Israel (20-26/3) envolveu o maior aparato de segurança da história israelense e reuniu a maior cobertura jornalística de que se tem notícia. O mundo olhou para Israel.

Razões políticas e de segurança impediram o Papa de refazer todo o caminho geográfico-religioso da revelação bíblica, começando pelo Iraque onde, em Ur da Caldéia, Abraão viveu antes de descer para Canaã (1800 a.C). Mas teve a felicidade de seguir os passos de Moisés e de Jesus.

Como Moisés, no Monte Sinai

Em 21/23 de fevereiro estive no Egito, acolhido com entusiasmo pela população muçulmana e cristã-copta. Num gesto impensável anos atrás, visitou a Universidade Al Azhar do Cairo, centro mundial do islamismo sunita. Chegou ao pé do Monte Sinai, recordando ali o chamado de Moisés, a entrega dos Dez Mandamentos e colocando o mundo diante da opção pela vida (os Mandamentos de Deus) ou pela morte (o ateísmo materialista). Não conseguiu reunir nesse Monte santo representantes das três religiões monoteístas – judaísmo, islamismo e cristianismo – mas visitou o mosteiro ortodoxo de Santa Catarina de Alexandria, recebido com deferência pelo arcebispo-abade, que não lhe permitiu rezar no espaço monástico: “Não temos plena comunhão com os católicos, portanto não nos é permitido rezar juntos”. Humildemente, o Papa realizou uma celebração fora dos muros. Lançou um emocionado apelo à unidade dos cristãos, pedindo um esforço de todos na caridade: “*Ainda não nos conhecemos bastante*”.



Belém, Nazaré, Jerusalém

Palestina e Israel significaram o momento culminante de seu ministério itinerante: em 1978 quis passar o Natal em Belém. Teve de esperar 22 anos para fazê-lo. Nos seus dias de peregrinação bíblica, visitou Amã na Jordânia, Belém na Palestina e em Israel Tel Aviv, Jerusalém, Nazaré, Genesaré. Na Jordânia subiu o Monte Nebo, de onde Moisés avistou a Terra Prometida, destino de seu povo, morrendo antes de nela entrar. Em Belém (as crianças cantavam “O Papa é palestino”), após visitar a gruta onde nasceu Jesus, foi a um campo de refugiados palestinos sentir o drama de 700 mil pessoas vivendo como refugiados desde 1948. Defendeu a criação do Estado Palestino: “Vocês têm direito a uma pátria. Seu sofrimento já foi longe demais!”. Iasser Arafat chorou ao ouvir estas palavras de seu velho amigo. Aliás, o Grão Mufti de Jerusalém afirmou que é um engano dizer que Jesus era judeu, pois ele era palestino!

Foi recebido em Tel Aviv pelo presidente Ezer Weisman e Ehud Barak, primeiro ministro, tensos ainda pelo receio de ver o Papa envolver-se na política Israel-Palestina e nos destinos de Jerusalém, que ambos os Estados afirmam ser sua eterna capital. Três crianças – judia, muçulmana e cristã – ofereceram-lhe terra de Nazaré para que beijasse, pois em sua 91ª viagem o Papa não pôde fazer seu gesto mais simbólico e aqui o mais desejado: ajoelhar-se, beijar a terra santa. Contemplou com carinho as três meninas, desejando que elas pudessem crescer e realizar a convivência fraterna entre os seguidores de Moisés, Jesus e Maomé, seguidores ainda tão nervosos e desconfiados.

Nos caminhos do Pescador da Galiléia

Para Papa Wojtyła, o dia da “ufania cristã” foi 24 de março: celebração da Eucaristia no Monte das Bem-aventuras, onde Jesus lançou o programa da vida cristã: “bem-aventurados os pobres, os mansos, os puros, os perseguidos, os promotores da paz...”. Antes de chegar ao local, de helicóptero João Paulo II sobrevoou o lago de Genesaré (ou de Tiberíades, ou de Kinneret) podendo contemplar Mágdala, Tabgha, Cafarnaum, locais onde Jesus viveu e anunciou o Reino de Deus, lago onde Pedro pescava com André, João, Jesus: ele, sucessor de Pedro, cujo anel é chamado de “anel do Pescador”, podia se reabastecer nesta paisagem imutável há dois mil anos, onde tudo começou. Foi a maior concentração de jovens na história da Galiléia: 100 mil jovens barulhentos e entusiasmados cantaram e rezaram em hebraico, árabe, inglês, francês, espanhol, latim, celebrando nos ritos latino, maronita, greco-católico, bizantino, siro-antioqueno. Revitalizado



pela presença alegre da juventude, o Papa os conclamou a se rebelarem contra as falsas bem-aventuras (consumismo, ódio, hedonismo...) e rezou: “Ó Senhor Jesus, permanece sempre com eles. Tu serás sua força, tu serás a sua vitória”. Observando esta espécie de Woodstock religiosa, uma policial israelense comentou: “A Igreja católica não me diz nada, mas o Papa me atrai porque ele é um santo”. Um outro, também encantado: “Este Papa é tão doce que parece um hebreu”.

Foi em torno da festa da Anunciação – 25 de março – que o Papa quis organizada sua peregrinação. Nazaré, cidade de Maria, “a mulher que trouxe a Luz para o mundo”, representou o coroamento de seu Jubileu. Na gruta da Anunciação – onde Maria recebeu o anúncio do Anjo – concentrou todo seu afeto e intimidade com a Mãe de Jesus e sua Mãe. Ajoelhou-se no chão, inclinou-se e com o rosto colado à terra esqueceu o mundo. Depois o ergueram, mas ele novamente se ajoelhou em oração a Maria, a quem entregou sua vida e a Igreja.

Na memória de Maomé, Moisés e Jesus

No dia 26, pela manhã, três compromissos, com os seguidores de Maomé, Moisés e Jesus. João Paulo II visitou a mesquita de Jerusalém, a “al Aqsa” (a distante), a mais importante depois de Meca e Medina, pois dali Maomé subiu para o céu. Foi recebido na esplanada por muftis, muezins, imãs, muslins que literalmente o cercaram, falando todos ao mesmo tempo, bem ao estilo do árabe oferecendo seu produto, no caso, defeitos israelenses e necessidades palestinas. Pediram-lhe que ajudasse a acabar com as injustiças contra os palestinos, que fosse criado o Estado da Palestina com capital em Jerusalém (o que realmente vai acontecer), que os árabes chamam pelo nome de Al Qods (“a Santa”). Dentro da mesquita foi recebido pelo Grão Mufti, o Xeique Ekrima Said Sabri: pela primeira vez na história um Papa entrava numa mesquita. O Mufti pediu ao Papa que não rezasse ali, caso contrário os muçulmanos também iriam querer rezar no Santo Sepulcro, e não foi isso que Maomé ensinou. Se tornaram amigos. Para a ocasião, parte da “al Aqsa” foi transformada em sala de visitas com tapetes, mesas, cadeiras e chás. O Papa usufruiu da hospitalidade sagrada e inviolável dos homens do deserto.

Em seguida, desceu para o Muro da Oração ou Ocidental, conhecido como “das Lamentações”. Recebido fraternalmente pelo rabinato, recitou em latim o Salmo 121, foi até o Muro, rezou e colocou um bilhete com uma oração na fenda das pedras, seguindo popularíssima tradição judaica. (No bilhete, agora um tesouro para a história israelense, o Papa repete a



mesma oração pronunciada no dia 12 d março, na Celebração do Perdão, pedindo perdão contra os pecados cometidos na história da Igreja contra o Povo hebreu). E ali ficou absorto, alheio ao mundo, até que vieram buscá-lo. Uma cena tocante, essa de rabinos apoiarem o Papa, trocarem presentes com ele, ajudarem-no a caminhar. Jerusalém, a Al Qods dos islâmicos, sempre tumultuada, com três mil anos de história, viveu a origem e a teleologia de seu nome: "Cidade da Paz".

Na basílica do Santo Sepulcro, que os orientais chamam de Igreja da Ressurreição, o Papa celebrou a Eucaristia. Ali Cristo morreu, foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia. A explosão de luz do Ressuscitado que encheu o universo está destinada a iluminar a história dos povos e de cada pessoa. Por alguns minutos o Papa se deteve em oração apoiado na pedra onde foi depositado o corpo morto do Senhor. Para surpresa de todos, às 16:30h a Basílica recebeu uma visita inesperada: foi o Papa que veio, sozinho, rezar no local onde Jesus morreu e foi crucificado. Estes 20 minutos fora do programa encerraram sua peregrinação: para que a ressurreição seja plena, é preciso que a humanidade aprenda a viver na reconciliação, na justiça e na paz. Caso contrário, muitos montes calvários continuarão a ser contruídos na terra.

Cheio de emoção, revitalizado, Karol Wojtyla desembarcou em Roma às 22:45. Um homem feliz, esse apóstolo da paz.

Isaac e Ismael, judeus e palestinos

Foi muito interessante nesta peregrinação papal recordar os dois filhos de Abraão, Ismael filho de Agar e Isaac filho de Sara, donde provêm os ismaelitas (árabes-palestinos) e israelitas (judeus): são dois irmãos esses povos semitas, marcados pelo ciúme, amor-ódio, pela competição. Bom pai de família, sábio pela idade, João Paulo II chamou os palestinos de "meus amigos" e os israelitas de "meus irmãos mais velhos". O palestino suplicou: "Papa, pede perdão a nós pelas cruzadas e manda os judeus pedirem perdão para nós, também!". E o judeu: "Papa, pede perdão para nós pelo anti-semitismo e diz para os palestinos que esta terra é nossa!". Numa entrevista, o Grão Mufti não teve medo de afirmar, grosseiramente, diga-se: "Os judeus falam que perderam seis milhões, mas nós perdemos muito mais: com eles foi apenas seis anos, conosco foram mais de mil! Eles fazem é muita propaganda." No "encontro" ecumênico em Jerusalém, João Paulo II foi surpreendido por uma discussão repentina. O Rabino-chefe o saudou e disse: "Queremos agradecer a Vossa Santidade por ter chamado Jerusalém de nossa capital eterna" e o Mufti, saltando da cadeira, não se



conteve: "É mentira, o Papa não disse isso". Impavidamente, o Rabino replicou e se calou, para depois engolir o Mufti falando: "Queremos agradecer a Vossa Santidade por ter chamado Jerusalém de capital eterna da Palestina". Era mentira também, mas o Rabino se calou, lembrando-se do que ensinou Moisés e Maomé aprovou: "Olho por olho, dente por dente". Há três mil e oitocentos anos esses dois irmãos não se separam nem se entendem.

Israel ficou encantado com o "homem" Karol Wojtyla, o ancião e líder religioso que veio escutar os hebreus em seu país. Amos Oz, o mais conhecido e traduzido escritor israelense, cuja tia queria que o Papa tirasse o crucifixo e de joelhos pedisse perdão a ela pelos crimes cristãos, ficou encantado: "O chefe da Igreja veio à nossa casa com humildade e delicadeza: um gesto comovente". Assim se emocionam os filhos do deserto.

Em Yad Vashem, memorial do Holocausto

Mas, na história da Igreja e de Israel ficará gravada a visita de João Paulo II ao *Yad Vashem*, o Museu do Holocausto em Jerusalém, no dia 23 de março de 2000, quinta-feira. Este Monumento e Memorial recorda a dor de um povo que teve seis milhões de seus filhos trucidados nos campos de concentração nazistas (1933-1945). Os 15 milhões de judeus hoje existentes recordam a cada instante a Shoah, o Holocausto, o ponto mais baixo da história humana, quando um regime totalitário, com a conivência das nações européias, decidiu extinguir um povo da memória humana. A Shoah é o grande buraco da história da humanidade: tornou praticamente impossível a filosofia. Infelizmente não se pode negar que o antisemitismo nazista, pagão e racista, foi preparado por 16 séculos de antisemitismo cristão, que insistia em chamar o Povo de Israel de povo deicida, que matou Deus, povo maldito para sempre...

Silenciosamente, João Paulo II desceu as escadas e penetrou na sala em penumbra em cujo piso estão escritos os nomes dos 22 campos de concentração. Naquele silêncio doloroso várias vezes pediu mais silêncio ainda, "silêncio porque não existem palavras fortes o suficiente para deplorar a terrível tragédia do Holocausto", falou. Foram-lhe apresentados oito sobreviventes dos campos de extermínio, alguns conhecidos dele na Polônia, velhos amigos. O Papa não esperou que se inclinassem diante dele, como manda o protocolo, mas ergueu-se, apoiado por Ehud Barak, e foi-lhes ao encontro, diante deles inclinando a cabeça. Abraçou Edith Zinder, que em 1945 ele salvara em Czestochowa quando ela, com 13 anos, escapara de Auschwitz: o jovem seminarista Karol Wojtyla deu-lhe chá quente, pão

com queijo e carregou-a nas costas por três quilômetros até a estação do trem que a levou a Cracóvia. Um reencontro esperado por 55 anos! Como a Shoah foi o mal em estado puro, nesse momento Yad Vashem era emoção pura e indicação de que a paz pode ser a palavra final. João Paulo II pronunciou ali as palavras mais esperadas pelo povo hebreu. Como sucessor de Pedro, e em nome de toda a Igreja católica, pediu perdão pelas palavras e pelos gestos e silêncios da parte dos cristãos, que trouxeram tanto sofrimento aos judeus. E pediu que desaparecesse o anti-judaísmo nos cristãos e o anti-cristianismo nos judeus. O primeiro ministro Ehud Barak, emocionado, concluiu suas palavras: "E eu penso e posso dizer, Santidade, que a vossa vinda hoje à tenda da memória de Yad Vashem é o cume desta histórica viagem de cicatrização".

Uma reconciliação sem ocaso

Esses três momentos vividos pela Igreja no ano 2000 são propostos como um caminho contínuo da Igreja peregrina. É constantemente convidada a se recordar de que a sua santidade provém exclusivamente de seu Senhor. Na Igreja santa e pecadora, todo triunfalismo é pecado e conduz ao pecado; pois constitui-se em orgulho de quem foi constituída como servidora do mundo. Se o orgulho espezinha, machuca, a humildade dialoga, serve, dá as mãos.

Uma Igreja orante e servidora, de joelhos diante do mundo e de Deus é o melhor antídoto contra a tentação da cristandade, de se conceber como um poder dialogando com os poderes do mundo. Em seu caminho histórico, o gesto identificador da Igreja é o do lava-pés, como o fez seu Senhor e Mestre.

Roma, 15 de maio de 2000

Endereço do Autor:

Rua Esteves Junior, 447
88015-530 Florianópolis - SC



A comunidade catarinense à qual o Autor se refere é Enseada de Brito. O Autor remonta aos primórdios da nossa história, aos índios que precederam os "descobridores", antes dos "500 anos". Apresenta a seguir a chegada dos portugueses, comandados por Domingos de Brito Peixoto em 1653, e o decreto real erigindo a freguesia de Nossa Senhora do Rosário em 1750. Seguem outras cenas do "Auto", retratando a vida desse povoado litorâneo até nossos dias.

Auto do Rosário

A história da evangelização açoriana e seus 250 anos numa comunidade catarinense

Rogério Luís de Souza
Doutorando em História pela UFSC